



GT- ESPECIAL

ISSN 2177-3688

A CIÊNCIA E O FEMININO: PRODUÇÕES EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

SCIENCE AND THE FEMININE: PRODUCTIONS IN INFORMATION SCIENCE

Tereza Ludimila de Castro Cardoso - Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB);

Maria Cristiana Félix Luciano - Universidade Federal da Pernambuco (PPGCI/UFPE);

Anna Raquel de Lemos Viana - Universidade Federal da Pernambuco (PPGCI/UFPE);

Geisa Fabiane Ferreira Cavalcante - Universidade Federal da Pernambuco (PPGCI/UFPE);

Izabel França de Lima - Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB).

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Analisa a produção científica na área da Ciência da Informação sobre os temas de feminismo, mulher e gênero no período de 2012 a 2022. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa descritiva que se caracteriza como bibliográfica, por ser um estudo sistematizado desenvolvido com o material publicado em periódicos científicos. A coleta de dados aconteceu nos meses de junho e julho de 2023, em sites dos periódicos científicos da Ciência da Informação do estrato "qualis A" com busca pelos termos "feminismo", "mulher" e "gênero". Para definição do *Corpus* da pesquisa foram eliminados artigos recuperados, mas não relacionados à aplicação dos termos no presente estudo. A pesquisa revelou um aumento significativo no número de publicações sobre esses temas, indicando um crescente interesse e exploração na área. Apresenta os periódicos com maior número de publicações sobre o tema, os autores que mais se destacaram nesse campo e suas instituições de atuação que abrangem diversas regiões do país, evidenciando a diversidade regional na produção científica. Os termos mais frequentemente encontrados em títulos, resumos e palavras-chave dos artigos foram gênero, mulher(es) e feminismo. O termo feminismo teve uma frequência menor, possivelmente devido à sua abordagem mais específica. Em conclusão, este estudo destaca a importância de analisar e promover a produção científica sobre feminismo, mulher e gênero na Ciência da Informação, promovendo a igualdade de oportunidades e o reconhecimento do talento das mulheres nessa área. Também ressalta a necessidade de ampliar o debate e engajar mais pessoas nas lutas feministas, considerando a interseccionalidade das opressões.

Palavras-chave: Ciência da Informação; gênero; feminismo; mulher; comunicação Científica.

Abstract: It analyzes the scientific production in the area of Information Science on the themes of feminism, women and gender from 2012 to 2022. Methodologically, it is a descriptive research that is characterized as bibliographic, as it is a systematic study developed with the material published in scientific journals. Data collection took place in June and July 2023, on the websites of scientific journals of Information Science of the "qualis A" stratum with a search for the terms "feminism", "woman" and "gender". To define the research corpus, articles retrieved but not related to the application of the terms in this study were eliminated. The research revealed a significant increase in the number of publications on these topics, indicating a growing interest and exploration in the area. It presents the journals with the largest number of publications on the subject, the authors who

stood out in this field and their institutions of activity that cover several regions of the country, evidencing the regional diversity in scientific production. The terms most frequently found in titles, abstracts and keywords of the articles were gender, woman/women and feminism. The term feminism had a lower frequency, possibly due to its more specific approach. In conclusion, this study highlights the importance of analyzing and promoting scientific production on feminism, women and gender in Information Science, promoting equal opportunities and the recognition of women's talent in this area. It also highlights the need to broaden the debate and engage more people in feminist struggles, considering the intersectionality of oppressions.

Keywords: Information Science; gender; feminism; women; scientific communication.

1 INTRODUÇÃO

A tradição do pensamento moral e político moderno tem como pressuposto a ideia de autonomia e autossuficiência individual. No entanto, essa visão desconsidera o fato de que somos seres influenciados pelos padrões e expectativas impostas pela sociedade. Além disso, ela negligencia a importância da formação e da interação com os contextos culturais e institucionais. Desafiar esse mito tem sido uma tarefa abraçada pelas teóricas feministas, que propõem a ampliação da democracia para torná-la menos excludente e mais plural, questionando a concepção moderna do sujeito que nos impede de enxergar a nossa corporalidade. A abordagem de desconstrução social questiona criticamente os modelos estruturantes das representações de gênero e sexualidade que foram moldados ao longo do tempo pela sociedade, especialmente no que diz respeito ao seu aspecto epistemológico (Rodrigues e Vargas, 2023).

Um exemplo da luta feminista é a inclusão do debate sobre o conceito de gênero, com o objetivo de modificar as estruturas normativas e ordens estabelecidas, ampliando as discussões sobre questões políticas, culturais e sociais, e denunciando as categorias de pensamento fundamentadas em valores masculinos, heterossexuais e brancos que foram instituídas na sociedade como naturais. Já que as feministas buscam destacar que as inclinações decorrentes dessas viéses influenciam a forma como concebemos, experimentamos, comportamos e perseguimos nossas aspirações (Doyle e Moura, 2023).

Apesar das conquistas históricas do movimento feminista ocidental, que buscaram promover a justiça social e a igualdade de gênero, inclusive por meio de leis e políticas de assistência, ainda persistem padrões machistas que inferiorizam as mulheres e as limitam em espaços éticos e sociais. Mulheres de todas as classes sociais, raças/etnias e níveis de escolaridade são submetidas a essa situação, em maior ou menor grau. (Doyle e Moura, 2023).

Nesse sentido, é fundamental adotar perspectivas inclusivas que busquem compreender e reconhecer sujeitos pertencentes a grupos distintos, com diferentes classes sociais e que são influenciados e influenciam marcadores identitários, como gênero, raça, sexualidade, geração histórica, espaço geográfico, entre outros. Os movimentos feministas, na luta pelo fim da desigualdade de gênero, têm possibilitado condições de acesso a estudos, formação profissional, tecnologias e têm provocado mudanças significativas na sociedade.

Ao trazer o conceito de gênero para discussão, é necessário abandonar uma visão natural, pronta e estática e adotar uma abordagem plural, que enfatize as diferentes perspectivas de representações sobre mulheres e homens. Percebe-se que as concepções de gênero não apenas variam entre sociedades e momentos históricos, mas também dentro de uma mesma sociedade, considerando os diversos grupos étnicos, religiosos, raciais e de classe que a compõem (LOURO, 1997, p. 26).

Em resposta às demandas dos movimentos feministas e grupos LGBTQIAP+, o conceito de gênero foi incorporado às discussões acadêmicas, trazendo à tona questões essenciais: O que define verdadeiramente o masculino? O que significa ser mulher? Existe apenas uma concepção de mulher? É possível pensar de maneira binária e restrita? Será que existem múltiplas formas de ser e se expressar?

Diante destas reflexões e considerando a evolução dos estudos de gênero, o presente artigo se propõe a analisar a perspectiva apresentada na produção científica da Ciência da Informação no estrato qualis A, nos últimos dez anos (2012-2022), sobre feminismo, mulher e gênero.

2 MOVIMENTO FEMINISTA: LUTAS E CONQUISTAS

O movimento feminista é um movimento social que surgiu na primeira metade do século XIX, em um período em que a sociedade passava por um processo de transição. Para Cynthia Sarti (2004, p. 35),

[...] o feminismo fundou-se na tensão de uma identidade sexual compartilhada (nós mulheres), evidenciada na anatomia, mas recortada pela diversidade de mundos sociais e culturais nos quais a mulher se torna mulher, diversidade essa que, depois, se formulou como identidade de gênero, inscrita na cultura.

O movimento feminista tem sido marcado por diferentes momentos, conhecido como ondas do movimento feminista, como forma de contextualizar e compreender as diferentes fases do movimento. No entanto, algumas críticas argumentam que essa divisão pode

simplificar e omitir as nuances e continuidades presentes na história feminista. Neste estudo, delimita-se às quatro ondas, em conformidade com Silva, Carmos e Ramos (2021), para melhor entendimento do período, já que a divisão simplifica a complexidade da história que está em constante andamento dentro do movimento.

A Primeira Onda teve lugar no final do século XIX e início do século XX, com o objetivo principal de conquistar direitos fundamentais para as mulheres, como o direito ao voto, igualdade legal e direitos sociais. As ativistas dessa época buscaram transformar a posição subordinada das mulheres na sociedade e desafiar as normas tradicionais de gênero. A Segunda Onda surge nas décadas de 1960 e 1970 com foco principal na busca pela igualdade de direitos civis, igualdade de gênero e combate à discriminação. Durante esse período, o movimento feminista expandiu-se e ganhou força, abordando questões como a desigualdade salarial, a sexualidade feminina, o acesso à contracepção e ao aborto, bem como a violência contra as mulheres. As principais conquistas da segunda onda incluíram avanços nos direitos reprodutivos, como a legalização do aborto em vários países, além de leis contra a discriminação de gênero em diferentes setores da sociedade. Houve também uma crescente conscientização sobre a violência doméstica e a luta por medidas de proteção e apoio às vítimas.

A Terceira Onda, por sua vez, teve início na década de 1990 e continua até os dias atuais. Esse movimento foi marcado pela crítica às concepções universalistas da segunda onda e pelo reconhecimento da diversidade e da interseccionalidade das experiências das mulheres. As feministas da terceira onda buscaram abordar as interseções entre gênero, raça, classe social e sexualidade. Os principais temas abordados pela terceira onda do feminismo incluem sexualidade, identidade de gênero, direitos reprodutivos e representatividade. As feministas desse período enfatizaram a importância de respeitar as escolhas individuais e combater o sexismo de forma mais abrangente, levando em consideração as múltiplas formas de opressão e desigualdade. Nos anos 1990, o Movimento já organizado se expandiu de diversas formas nas mais diversas camadas sociais, conforme Costa (2005, p. 19).

Multiplicaram-se as várias modalidades de organizações e identidades feministas. As mulheres pobres articuladas nos bairros através das associações de moradores, as operárias através dos departamentos femininos de seus sindicatos e centrais sindicais, as trabalhadoras rurais através de suas várias organizações começaram a auto identificar-se com o feminismo, o chamado feminismo popular.

Por fim, a Quarta Onda, iniciou-se a partir dos anos 2010 e é caracterizada pelo ativismo online e nas redes sociais. Com o surgimento das mídias digitais, as feministas da quarta onda aproveitaram essas plataformas para disseminar ideias, promover campanhas e denunciar o sexismo e a violência contra as mulheres. Os temas centrais da quarta onda do feminismo incluem consentimento, empoderamento feminino, enfrentamento do assédio e da violência online, bem como a busca por igualdade no ambiente digital. As redes sociais se tornaram uma ferramenta poderosa para a organização de protestos, mobilização coletiva e compartilhamento de experiências, ampliando o alcance do movimento feminista.

Na produção científica, a articulação e o movimento de mulheres cientistas têm sido um movimento recorrente na ciência, discutindo diversos problemas sociais que as mulheres enfrentam e as desigualdades de gênero existentes.

3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Investigar as produções científicas de uma área do conhecimento nos possibilita compreender quais as temáticas que seus(as) pesquisadores estão investigando. a pesquisadora Maria das Graças Targino (1998, p. 10) afirma que “[...] a comunicação é um ato, um mecanismo, é o processo de intermediação que permite o intercâmbio de ideias entre os indivíduos”. Neste sentido, compreende a comunicação científica como um diálogo entre os(as) pesquisadores(as) de uma determinada área científica. Ao falarmos de comunicação científica estamos nos referindo ao diálogo acadêmico e científico entre os(as) pares que discutem uma temática em comum (Luciano, 2021). A pesquisadora Letícia Alves aponta que:

[...] a produção e comunicação científica estão ligadas à disseminação dos resultados de pesquisa e troca de informações entre os pares dessa comunidade. E tem como objetivo, além da publicização do conhecimento, a troca de ideias entre pesquisadores e o registro do conhecimento (ALVES, 2011, p. 1).

Neste íterim, podemos entender que a comunicação científica reúne atividades relacionadas à produção, à divulgação e ao uso da informação científica (Garvey, 1979). A função da produção e comunicação científica é para comunicar o conhecimento, permitir a disseminação das pesquisas realizadas, expandir resultados de pesquisas anteriores e promover novas perspectivas em determinados campos de estudo (Santos, Costa, 2012).

Existem dois tipos de comunicação científica: a formal e a informal, de acordo com a pesquisadora Suzana Mueller (2003) a formal é aquela publicada e disseminada em canais

formais de comunicação, por exemplo, periódicos científicos e livros, quanto a informal, ocorre de forma pessoal e refere-se às pesquisas não concluídas, podendo ser apresentada em eventos, congressos e palestras, a exemplo do Encontro Nacional de pesquisas em Ciência da Informação - ENANCIB.

A comunicação situa-se no próprio coração da ciência. É para ela tão vital quanto a própria pesquisa, pois a esta não cabe reivindicar com legitimidade este nome enquanto não houver sido analisada e aceita pelos pares. Isso exige, necessariamente, que seja comunicada. (Meadows, 1999, p. vi).

Complementando essa ideia sobre a informação científica, de acordo com Leite (2014, p. 25), ela inclui aquilo que é publicado no meio científico, por meio de “artigos de periódicos, artigos de anais de conferências e livros, em suporte digital ou impresso”. Desse modo, não se pode separar a comunicação científica da produção científica, pois ambas caminham juntas, na efetivação e na consolidação do fazer ciência (Luciano, 2021).

Sobre essa perspectiva, Isa Freire e Alexandre Sousa (2010, p. 112) apontam que produção científica é “todo conhecimento produzido no âmbito acadêmico pautado nas artes do método científico, sendo socializado, a partir de sua comunicação e publicação”. Neste sentido, entendemos a produção científica como um resultado de uma pesquisa realizada que se utilizou da informação como mola propulsora para ser comunicada nos meios e canais de informação da comunidade científica, onde a mesma é avaliada pelos pares e compreendida como um assunto ou temática de relevância para determinada área (Silva, 2020).

Compreende-se que a produção científica proporciona o compartilhamento da informação e do conhecimento entre os pares, através das pesquisas realizadas, por meio do exercício da crítica dos questionamentos e de novas pesquisas. Conforme Simone Santos e Marlene Oliveira (2017, p. 37) “a publicação científica é uma forma de reconhecer e de legitimar autores e seus artigos”.

Compreende-se que a produção científica como processos sociais de um campo científico, ancorados em orientações e políticas de um campo e demais contextos (Luciano, 2021). Os estudos de mapeamento das ciências, para a pesquisadora Silva (2019), se apresentam como estratégias para analisar e aprofundar a compreensão sobre os processos sociais. Nesta perspectiva, realizar estudos sobre temáticas como mulher, gênero e feminismo na Ciência da Informação colaboram para visibilizar as mulheres enquanto

pesquisadoras e produtoras do conhecimento e evidenciam o poder da informação e da produção científica.

4 METODOLOGIA

Quanto aos fins, a presente pesquisa caracteriza-se como descritiva por expor as características da produção científica sobre mulheres, feminismo e gênero em periódicos da Ciência da Informação do estrato qualis A entre os anos de 2012 e 2022. Quanto aos meios, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, por ser um estudo sistematizado desenvolvido com o material publicado em periódicos científicos.

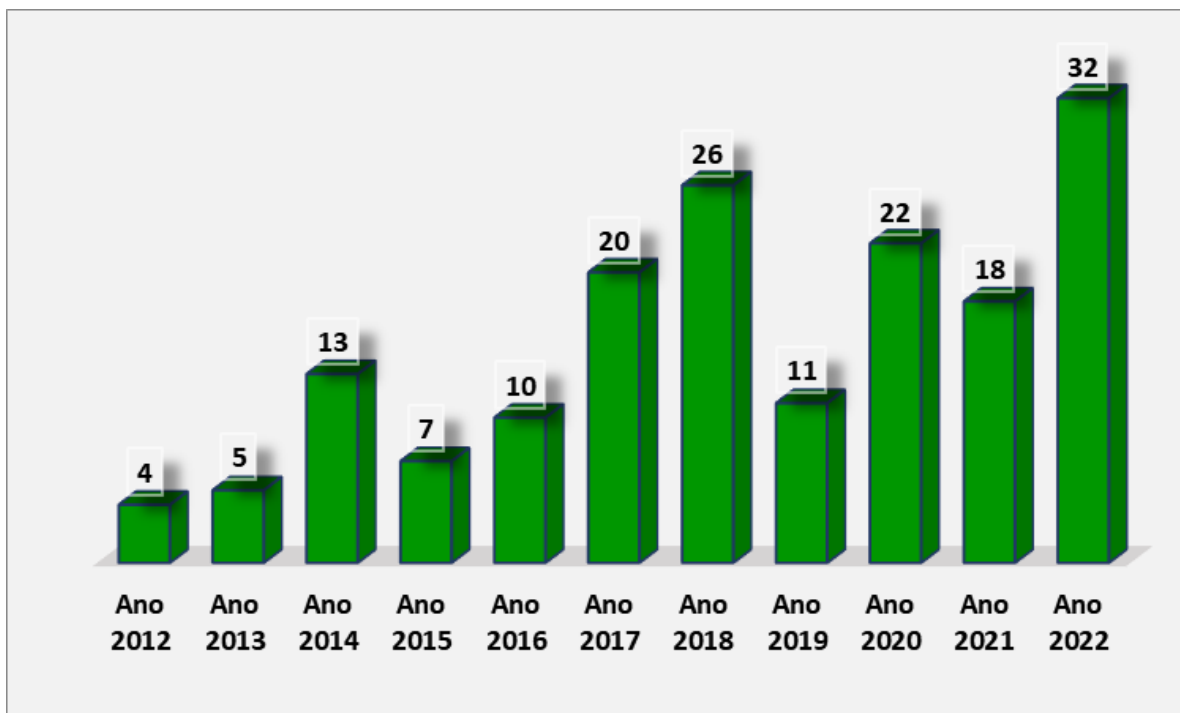
Como técnica de coleta de dados, nos meses de junho e julho de 2023, foram visitados os sites dos periódicos científicos da Ciência da Informação do estrato qualis A e recuperados os artigos pela busca dos termos “feminismo”, “mulher” e “gênero”. No único site em que não foi encontrado o sistema de busca, pesquisou-se, individualmente, em cada número da revista do período elencado. Quanto à pesquisa do termo gênero, foram eliminados itens não relacionados à aplicação do termo no presente estudo.

5 ANÁLISES DOS DADOS

Ao analisar os termos "gênero", "mulher" e "feminismo" na área de Ciência da Informação no período de 2012 a 2022, nosso objetivo foi avaliar a representatividade das mulheres nessa área e como o movimento feminista tem evoluído ao longo do tempo. Buscamos identificar os momentos de maior produção acadêmica sobre o assunto, os periódicos que mais publicaram sobre essa temática e as pessoas pesquisadoras que se destacam nesse campo específico.

Com base no Gráfico 1, a pesquisa revelou que o maior número de publicações sobre o assunto foi em 2022, representando 19,3% do total. Essa constatação é significativa, pois indica uma mudança de comportamento na área em relação às perspectivas das mulheres, refletindo uma maior relevância e representatividade feminina.

Gráfico 1 – Distribuição por ano da produção científica sobre gênero, mulher(es) e feminismo em periódicos qualis A da área de Ciência da Informação entre 2012 e 2022



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Entre os dezenove periódicos de alta qualidade classificados com *Qualis A*, apenas um deles não apresentou nenhum artigo encontrado durante a pesquisa. Esse periódico é o *Brazilian Journal of Information Science*.

Gráfico 2 – Distribuição por periódicos qualis A da área de Ciência da Informação da produção científica sobre gênero, mulher(es) e feminismo entre 2012 e 2022



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Entre os periódicos que mais se sobressaíram nas publicações relacionadas aos temas de mulher(es), feminismo e gênero, evidenciam-se cinco revistas que tiveram um número significativo de artigos publicados. Dentre elas, a revista *Percursos* se destaca com um total

de 27 publicações, seguida pela RBBD, com 22 artigos. Logo em seguida, as revistas Intexto, Informação & Informação e Em Questão também se mostraram relevantes, com 20, 19 e 15 publicações, respectivamente. Ao somar as publicações desses cinco periódicos, observamos que eles representam 61,3% de todas as pesquisas e discussões sobre mulher(es), feminismo e gênero. Tal proporção evidencia a importância dessas revistas como fontes essenciais para o estudo aprofundado desses assuntos, além de apontar uma preferência dos pesquisadores por tais veículos de comunicação.

Sobre o *Qualis* dos periódicos analisados, de acordo com a tabela 1, observa-se o seguinte: nas revistas *Qualis* A1, o estudo localizou apenas dois trabalhos, nos periódicos *Qualis* A2 foram localizados trinta e nove trabalhos sobre os temas estudados, nos *Qualis* A3 foram localizados setenta e seis trabalhos, e no *Qualis* A4 foram cinquenta e um trabalhos. Diante do estudo, verificou-se que apenas 1,15% pesquisadores(as) tiveram trabalhos aprovados sobre os termos nos periódicos *Qualis* A1.

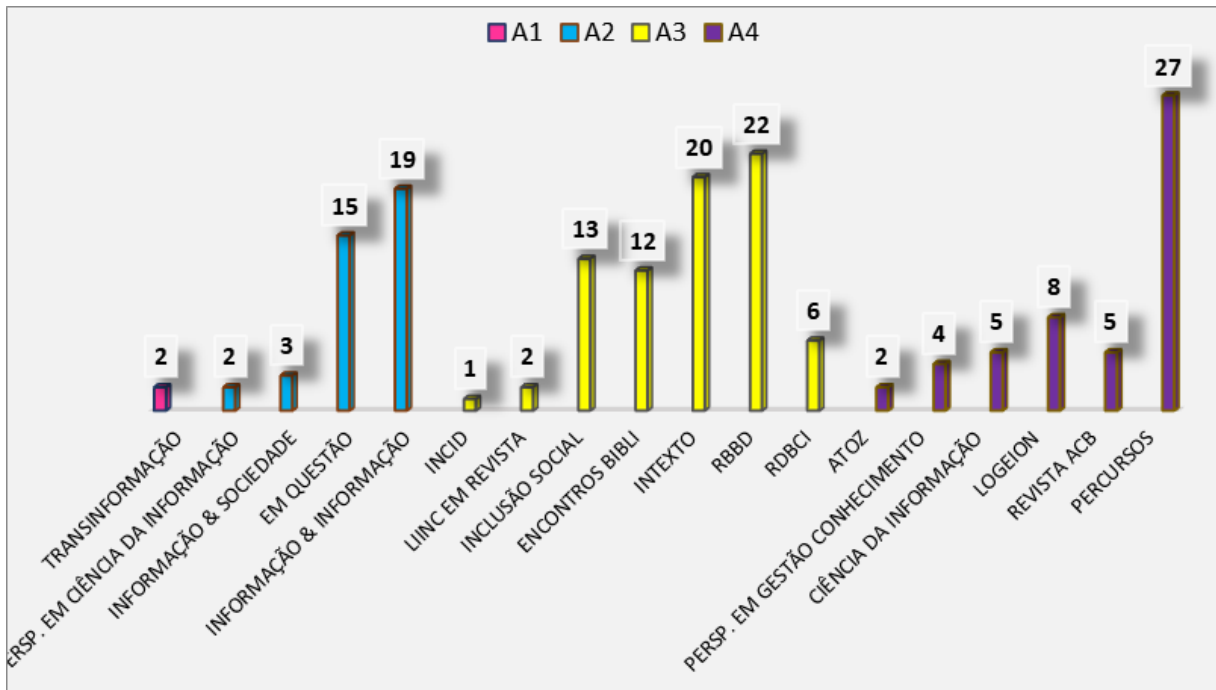
Tabela 1 – Total de artigos publicados por periódicos qualis A da área de Ciência da Informação da produção científica sobre gênero, mulher(es) e feminismo entre 2012 e 2022.

<i>Qualis</i>	Total de periódicos	Total de artigos publicados	Percentual
A1	01	02	1,19%
A2	04	39	23,21%
A3	07	76	45,23%
A4	06	51	30,35%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Verifica-se que, em relação ao tema em questão, o *Qualis* com maior número de artigos publicados é o A3, o qual corresponde a uma expressiva porcentagem de 45,23%. Além disso, é importante mencionar que esse *Qualis* também é responsável por abarcar o maior número de periódicos, totalizando sete, conforme pode ser observado no gráfico 3.

Gráfico 3 – Distribuição por estrato qualis A da área de Ciência da Informação das produções sobre gênero, mulher(es) e feminismo entre 2012 e 2022

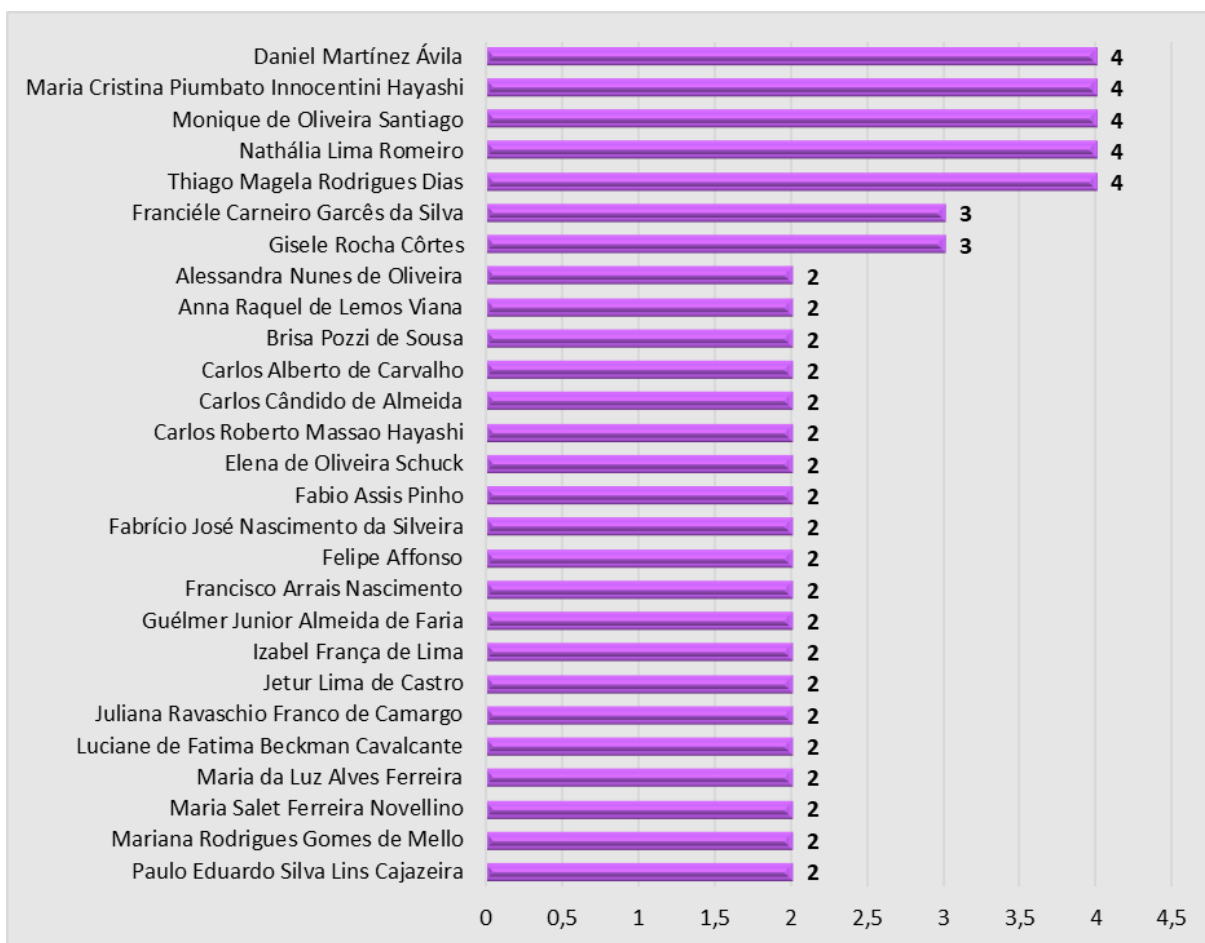


Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A pesquisa revelou um total de 332 pessoas autoras que abordaram a temática relacionada ao feminismo. Dentre esses, destacam-se sete pessoas pesquisadoras em particular. Cinco dessas pessoas possuem quatro publicações cada uma, enquanto outras duas têm um total de três publicações, como podemos observar no gráfico 4.

Gráfico 4 – Distribuição por autores(as) da produção científica sobre gênero, mulher(es) e feminismo em periódicos qualis A da área de Ciência da Informação entre 2012 e 2022

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Na área de Ciência da Informação, seis das sete pessoas pesquisadoras se destacaram, mostrando a importância e relevância dessa área. Cinco dessas são pessoas professoras de Programas de Pós-Graduação em CI, o que demonstra o nível de conhecimento e expertise que possuem nesse campo específico, a saber: Daniel Martínez Ávila PPGCI/UNESP; Maria Cristina Piumbato PPGCI/UFSCar; Natália Lima Romeiro PPGCI/UEMG; Thiago Magela Rodrigues Dias PPGCI/UFGM; Gisele Rocha Côrtes PPGCI/UFPB.

A autora Franciéle Carneiro Garcês da Silva se destaca no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, o que evidencia sua contribuição para essa área específica. Já a autora Monique de Oliveira Santiago atua na área de Programação de Computadores e Mineração de Dados, trazendo uma perspectiva inovadora e tecnológica para o campo.

Em relação às instituições de atuação das sete pessoas autoras, de acordo com o gráfico 4, respectivamente, podemos observar a diversidade e representatividade regional. A Universidade Estadual Paulista (UNESP), a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFGM), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade do Estado de Santa

Catarina (UDESC) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) são as instituições em que essas pessoas autoras atuam, destacando-se como centros de excelência acadêmica em suas respectivas áreas.

Essa diversidade de instituições e áreas de atuação dessas pessoas pesquisadoras enriquece a produção científica e fortalece a colaboração e o intercâmbio de conhecimento entre diferentes regiões do país. É fundamental reconhecer e valorizar a contribuição dessas pessoas para o avanço da Ciência da Informação, bem como para o desenvolvimento de pesquisas e discussões inovadoras no assunto.

Quando consideramos os termos relevantes para esta pesquisa, que representam o feminino e sua importância na área, destacamos os seguintes termos: gênero, mulher(es) e feminismo. Este estudo revela que, ao procurarmos por esses termos nos títulos, palavras-chave e resumos dos artigos, encontramos os seguintes números de ocorrências: a palavra gênero é a mais frequente, aparecendo 224 vezes, a palavra mulher(es) ocupa o segundo lugar, com 213 aparições, enquanto o termo feminismo é mencionado apenas 46 vezes.

Figura 1 – Repetição dos termos gênero, mulher(es) e feminismo nos títulos, resumos e palavras-chave dos artigos sobre gênero, mulher(es) e feminismo, entre 2012 e 2022, por autores(as) em periódicos qualis A da área de Ciência da Informação



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Ao analisar o uso das palavras relacionadas à igualdade de gênero, observa-se uma disparidade no destaque do termo feminismo em relação aos demais. Acredita-se que isso ocorra devido ao seu caráter mais específico, sendo geralmente mencionado somente quando se aborda diretamente essa temática. Em contrapartida, os outros termos tendem a ser mais abrangentes e englobar questões mais amplas.

Figura 2 – Principais palavras-chave dos artigos sobre gênero, mulher(es) e feminismo, entre 2012 e 2022, por autores(as) em periódicos qualis A da área de Ciência da Informação



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Durante a análise das palavras-chave, foi observado um total de 480 palavras-chave distintas, destacando-se pelo número de repetições os termos: Gênero (42 repetições), Feminismo (15), Mulheres (15), Produção Científica (09), Bibliometria (09), Ciência da Informação (08), Organização do Conhecimento (08), Violência contra a mulher (07), Mediação da informação (07), Estudos de Gênero (07), Sexualidade (06), Jornalismo (06), Representação (05), Mulheres na ciência (05) e Memória (05).

Essas palavras revelam o panorama dos estudos sobre a representatividade feminina na área da Ciência da Informação e apontam sua trajetória futura. Além disso, palavras como: “Violência contra mulher”, “sexualidade”, “representação” e “mulheres na ciência” também chamam atenção e revelam em que patamar encontra-se o interesse dos pesquisadores sobre a temática em questão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou um aumento significativo nos estudos relacionados às mulheres, gênero e feminismo na área da Ciência da Informação, desde 2017 até os dias atuais. Isso evidencia um crescente interesse e exploração do tema nesse campo de estudo. Além disso, a pesquisa identificou as pessoas pesquisadoras mais comprometidas com essa temática, bem como a diversidade geográfica em que se encontram.

Esses resultados reforçam a importância de se analisar de forma sistemática as publicações acadêmicas e científicas em diferentes áreas relacionadas às Ciências Sociais

Aplicadas e Humanas. Ao identificar os periódicos mais destacados nesses assuntos, é possível elaborar estratégias e direcionamentos para estimular ainda mais a produção de conhecimento nessas áreas, incentivando a reflexão e o avanço do debate em torno dos temas de mulher(es), feminismo e gênero.

Em suma, o trabalho feminino na ciência da informação tem se destacado e evoluído, contribuindo de forma significativa para o avanço do campo. É imprescindível promover igualdade de oportunidades, reconhecendo e valorizando cada vez mais o talento e a contribuição das mulheres nessa área. Somente assim poderemos construir um futuro onde todas as vozes sejam ouvidas e onde a diversidade seja verdadeiramente valorizada.

É necessário ampliar o debate e tornar o feminismo um tema mais presente nas discussões cotidianas e acadêmicas. É preciso engajar cada vez mais pessoas nas lutas feministas, conscientizando-as sobre a importância de se defender os direitos e a dignidade das mulheres. Além disso, é fundamental considerar a interseccionalidade, compreendendo que as opressões se entrelaçam com outros marcadores sociais, como raça, classe social, orientação sexual, entre outros.

REFERÊNCIAS

ALVES, Letícia. Informação e os sistemas de comunicação científica na Ciência da Informação. **DataGramZero**: Revista de Informação, v. 12, n. 3, jun. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45669>. Acesso em: 11 de jul. 2023.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1. sem. 2005.

DOYLE, Andréa; MOURA, Ana Cláudia Gigli de. Leitura reflexiva para igualdade de gênero: um relato de experiência. **Encontros Bibli**, v. 28, p. e92908, 2023.

FREIRE, Isa Maria; SOUZA, Alexandre Pereira. Revista Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia – PBCIB: um mapeamento temático da produção científica à luz da análise de conteúdo / Revista Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia - PBCIB: um mapeamento. **Informação & Informação**, v. 15, n. 2, p. 110-128, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5338>. Acesso em: 11 de jul. 2023.

GARVEY, William D. **Communication**: the essence of science. Oxford: Pergamon Press, 1979.

LEITE, Fernando César Lima. Busca, acesso e disseminação da informação científica de cientistas, cientistas sociais e humanistas. **Biblios**, n. 57, p. 22-42, 2014. Disponível em: <http://biblios.pitt.edu/ojs/index.php/biblios/article/view/195>. Acesso em: 11 de jul. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LUCIANO, Maria Cristiana Félix. **PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ENCONTROS NACIONAIS DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (1994-2019)**. 2021, Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. cap. 1, p. 21-34.

PINTO, Celi Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

RODRIGUES, André Iribure; VARGAS, Ana Elisa de Abreu. Injustiça de gênero e sexualidade LGBTQIA+: a produção de conhecimento à margem na Ciência da Informação na região Sul. **Encontros Bibli**, v. 28, p. e92370, 2023.

SANTOS, Ricardo Maurício Gonçalves dos; COSTA, Luciana Ferreira. Usabilidade na Ciência da Informação: uma análise da produção científica. **Prisma.com**, n. 19, p. 97-124, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/64674>. Acesso em: 11 de jul. 2023.

SANTOS, Simone Aparecida dos; OLIVEIRA, Marlene. A produção científica sobre Língua Brasileira de Sinais (Libras) presente nos currículos Lattes do CNPq. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, p. 35-46, out./dez. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362017000400035. Acesso em: 11 de jul. 2023.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, n. 12, volume 2, p. 35-50, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QVNBKzsbHFngG9MbWCFFPPCv/?lang=pt>. Acesso em: 11 de jul. 2023.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade; CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021.

SILVA, Gabriela da Costa. A ciência também é lugar de mulher negra? **Mulheres na ciência: o futuro é feminino**. 25 fev. 2019. Disponível em: <http://mulheresnaciencia.com.br/>. Acesso em 11 de jul. 2023.

SILVA, Francisco Sávio da. **Produção científica sobre as temáticas afro-brasileira e indígena nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: estudos**, Brasília – DF, v.10, n. 2., 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/326>. Acesso em: 11 de jul. 2023.